

TODO MUNDO ODEIA O CHRIS: ANALISANDO O ETHOS DISCURSIVO DOS PROFESSORES MORELLO E O SUBSTITUTO

Grassinete Carioca de ALBUQUERQUE

Universidade Federal do Acre

Angela Brambilla Cavenaghi Themudo LESSA

Elaine Cristina de OLIVEIRA

Maria Helena Mitson CRUCCIANI

Laís Queiroz do VAL

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: Neste artigo propomos refletir, pelo campo teórico, como uma sitcom *Todo mundo odeia o Chris*, especificamente o episódio *O substituto*, evidencia práticas sociais que denotam preconceitos: racial e profissional. Tais discursos encontram na sociedade do espetáculo (DEBORD [1967] 2003) ecos ao fato de que, ao interagirmos pelas imagens, deixamos de refletir como elas influenciam o comportamento, constroem crenças e ideologias que mantêm o racismo e a desvalorização de determinadas profissões, como a do educador. Aportamo-nos na noção “encarnada” do *ethos* (MAINGUENEAU, 2008, p. 65) construída não apenas pela dimensão verbal, como também pela corporal e psíquica, ligadas às representações coletivas estereotipadas, enunciadas pelos professores. Esse *ethos* manifestado pelos professores comprovam as relações de poder que se configuram entre opressor-oprimido, que coloca cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo (FOUCAULT, 2002, p. 123), moldando o corpo e evitando a formação de grupos desordenados e perigosos. Para esta discussão, evidenciamos a necessidade de apresentar que o seriado auxilia para que se promova, no campo educacional, espaços de diálogos responsivos (BAKHTIN, [1953-54] 2016) que levem a autorreflexão, ao desconforto, ao atravessar fronteiras e adotar uma postura crítica-reflexiva sobre quem somos e como nossas escolhas impactam no mundo social que vivemos (FABRÍCIO, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Preconceito; *Ethos*; Discurso

EVERYBODY HATES CHRIS: ANALYZING THE DISCURSIVE ETHOS OF THE TEACHER MORELLO AND THE SUBSTITUTE TEACHER

ABSTRACT: In this article we propose to reflect on how, *founded on the theoretical framework*, the sitcom “Everybody Hates Chris” – specifically the episode “The Substitute” – reveals social practices that denote racial and professional prejudices. Such discourses – found in the “Society

of the Spectacle" (DEBORD [1967] 2003) –, echoes the fact that, by interacting through images, we fail to reflect on how they influence our behavior and construct beliefs and ideologies that maintain racism and the belittlement of certain professions. Therefore, this work brings up the "incarnated" notion of the *ethos* (Maingueneau, 2008, p. 65), which is constructed not only by the verbal dimension but also by the physical and psyche ones. This *ethos* manifested by the teachers proves the power relations that are configured between the *oppressor and the oppressed*, in which, "*each individual has his own place; and each place its individual*" (FOUCAULT, 2002, p. 123). Thus, we observed the need to indicate that this TV show could help promote spaces of responsive dialogues (BAKHTIN, [1953-54] 2016) that would lead to self-reflection and discomfort; crossing boundaries and adopting a critical- reflective posture about who we are and how our choices impact in the social world we live in (FABRÍCIO, 2006).

KEYWORDS: Education; Prejudice; *Ethos*; Discourse

TODO EL MUNDO ODIA A CHRIS: ANALIZANDO EL ESPÍRITU DISCURSIVO DE LOS PROFESORES MORELLO Y EL SUSTITUTO

Resumen: En este artículo proponemos reflejar, por el campo teórico, cómo una sitcom *Todo el mundo odia a Chris*, específicamente el episodio El Sustituto, evidencia prácticas sociales que denotan prejuicios: raciales y profesionales. Tales discursos se encuentran en la sociedad del espectáculo (DEBORD [1967] 2003) se hace eco del hecho de que, cuando interactuamos a través de las imágenes, no reflejamos cómo influyen en el comportamiento, construyen creencias e ideologías que mantienen el racismo y la devaluación de profesiones, como la del educador. Nos llevamos a la noción "encarnada" de *ethos* (MAINGUENEAU, 2008, p. 65) construida no sólo por la dimensión verbal, sino también por el cuerpo y psíquico, vinculado a las representaciones colectivas estereotipadas, enunciadas por los profesores. Este *ethos* manifestado por los maestros demuestra las relaciones de poder que se configuran entre opresores-oprimidos, lo que pone a cada individuo en su lugar; y en cada lugar, un individuo (FOUCAULT, 2002, p. 123), dando forma al cuerpo y evitando la formación de grupos desordenados y peligrosos. Para esta discusión, destacamos la necesidad de presentar que el serial ayuda a promover, en el ámbito educativo, espacios de diálogos responsivos (BAKHTIN, [1953-54] 2016) que conducen a la auto-reflexión, el malestar, el cruce de fronteras y la adopción de una postura crítica-reflexiva sobre quiénes somos y cómo nuestras elecciones afectan al mundo social en el que vivimos (F-LECI-N, 2006).

Palabras clave: Educación. Perjuicio. Ethos. Discurso.

INTRODUÇÃO

O seriado *Todo mundo odeia o Chris* é abordado neste artigo sob dois pontos de vista, que são discussões recorrentes nos mais diferentes contextos comunicativos: o preconceito racial e a desvalorização do profissional da educação. O seriado foi lançado há mais de dez anos nos EUA, sendo reapresentado pela TV Record, em 2019, aos domingos pela manhã, com público-alvo infanto-juvenil.

Analisá-lo pelo viés educativo, torna-se relevante no sentido de evidenciar que práticas segregadoras, quando não analisadas sob o viés crítico, costumam passar sem que ocorra a autorreflexão, o conflito, o estranhamento não só na construção do discurso, como também nos “vestígios” que ainda mantêm regimes de verdade legisladores, de referências de autoridade e de padrões de “normalidade” (FABRÍCIO, 2006, p. 51).

Ao buscar compreender como se configuram as práticas de linguagem que são discutidas no episódio *O Substituto* – temporada 2, 14º episódio, versão em português –, o primeiro aspecto é considerar quais são os efeitos de verdade que a série reproduz no imaginário dos telespectadores. Charaudeau (2015) chama a atenção para a não confusão entre *efeito de verdade e valor de verdade* (CHARAUDEAU, 2015, p. 49), pois o *efeito de verdade* está para o que se acredita ser verdadeiro, encontra-se na subjetividade do sujeito, na sua relação com o mundo, que cria uma adesão ao que pode ser considerado como verdadeiro pelo fato de ser compartilhado por outras pessoas.

O *valor de verdade* se baseia em evidência, não é de ordem empírica e se realiza através de uma construção teórica científica, objetiva, de saber dizer, saber comentar o mundo. O *efeito* baseia-se na convicção, que se prende a um saber de opinião, que tenta buscar o apoio em relação a algo que alguém considera como verdade.

Ao considerarmos o *efeito de verdade* (CHARAUDEAU, 2015) presente no episódio *O Substituto*, presentificamos uma crítica aos discursos normalizadores, que disciplinam o sujeito, manipulam os gestos, mantêm a ordem, os comportamentos e fabricam corpos submissos e “dóceis” (FOUCAULT, 2009, p. 164) para um sujeito que reflita e tome uma posição frente às demandas sociais ocorridas no mundo.

Foucault (2009) destaca que é na instabilidade das relações que, a todo momento, uma ideia pode ser apresentada, uma regra pode ser substituída, uma nova norma pode ser apresentada. Em vista disso, a formação de um *ethos* (MAINGUENEAU, 2008) expresso na imagem do professor, manifesta uma imagem de si coletiva, pelo tom da voz, pela corporalidade, pelo movimento no espaço social.

Desse modo, a memória discursiva apresentada pelo “Substituto”, na instabilidade das relações sociais, divulga estereótipos ligados à posição ocupada pelos professores branco e

negro, ao lugar ocupado de opressor e oprimido que se alternam e, no caso da profissão, como se considerada de nível inferior, tem na representação do educador, perante outras profissões, a de menor prestígio.

Com essas perspectivas, na primeira seção, apresentamos o que os documentos oficiais, PCN (1996), PCNEM (2000) e BNCC (2017; 2018) orientam sobre promover espaços de aprendizagem que seja democrática, inclusiva, que discutam como desenvolver práticas desejáveis que evitem a discriminação e o preconceito, ao respeito às diversidades e às diferenças; refletindo sobre as práticas docentes, que em vários momentos passam a ideia de que é algo simples, contribuindo para que ocorra o desprestígio na educação (NÓVOA, 2009). Na segunda seção, ponderamos como os *ethos* (MAINGUENEAU, 2008) revelados por Morello e “Substituto”, representam vozes sociais vinculadas ao contexto sócio-histórico e cultural experienciados pelos professores e evidenciam valores, posições ideológicas que expõem o pensamento de discriminação racial e profissional. Na terceira seção, analisamos excertos do seriado com o intuito de apontar como tais práticas discriminatórias precisam ser discutidas na educação em perspectivas indisciplinadas (MOITA LOPES, 2006), de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) e transgressivas (PENNYCOOK, 2006), de modo que é na linguagem, como prática social, que podemos pensar em transformar a educação. Por fim, na última e quarta seção, apresentamos nossas considerações finais do artigo

1. DOCUMENTOS OFICIAIS: PCN (1996), PCNEM (2000) E BNCC (2017; 2018)

1.1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A DIVERSIDADE

Ao ponderarmos sobre o que prescreve os documentos oficiais no tocante ao ensino pautado em uma perspectiva dialógica, que percebe e compreende que as diferenças fazem parte não apenas do contexto educativo, mas da sociedade de um modo geral, buscamos discutir e analisar como é tratada a questão da discriminação e do papel do educador presentes no episódio *O Substituto* da série *Todo mundo odeia o Chris*.

Nóvoa (2009) argumenta que ainda existe um consenso discursivo sobre a formação do professor que se mostra afastada da profissão docente em si, já que existe um “excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas” (NÓVOA, 2009,

p. 204). Para o autor, um dos princípios que precisam ser considerados na formação do professor é o da “responsabilidade social”,

[...] Podemos chamar-lhe de diferentes nomes, mas todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, **intervir no espaço público da educação, faz parte do ethos profissional docente.** (NÓVOA, 2009, p. 205) (Ênfase adicionada)

Intervir em busca de uma mudança social, da transformação dos sujeitos, para ultrapassar as fronteiras do que é considerado como posto definido, faz parte do *ethos* profissional docente, como bem apresentado por Nóvoa (2009), sendo o espaço educativo o lugar onde as diferenças são percebidas e refletidas de modo a construir novos conceitos que revelem que determinadas posturas discriminatórias, que se perpetuaram ao longo da história, precisam ser combatidas.

Como documento orientador, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1996) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio¹, trazem uma proposta de natureza aberta e flexível de “orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros” (PCN, 1996, p. 13). A proposta é descrita como de natureza aberta e flexível, por respeitar a diversidade sociocultural de cada região do país, a autonomia dos professores e demais envolvidos na tarefa de educar, buscando garantir o respeito pelas diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas em uma sociedade conhecidamente múltipla, estratificada e complexa.

De acordo com os princípios e fundamentos dos PCN (1996), por vivermos em uma sociedade democrática, o processo educacional funciona como instrumento de diálogos abertos e reflexivos entre o governo e órgãos responsáveis. Por tal motivo, faz-se necessário o oferecimento de um ensino de qualidade, com acesso à totalidade dos recursos culturais relevantes e adequados às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais dos brasileiros,

¹ Que passou a ser parte da educação básica em 1996, Lei 9.394/96, e sofreu uma reforma no ano 2000 (PCNEM, 2000).

ou seja, de acordo com a realidade dos estudantes, de forma a torná-los cidadãos autônomos, críticos e atuantes responsáveis na vida social.

Tal exercício de cidadania aponta “a relevância de discussões sobre a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito” (PCN, 1997, p. 27), de modo que para atender à (super)diversidade existente no país, acaba sendo atribuição do professor/escola considerar e analisar as especificidades e possibilidades de aprendizagem de cada aluno, além de avaliar a eficácia de todas as medidas já tomadas.

É importante salientar que, a diversidade não significa somente as capacidades intelectuais e de conhecimento dos alunos, mas também seus interesses e motivações, como também os fatores sociais, culturais, histórico educativo, sensoriais, entre outros. Em suma, a “escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças – não o elogio à desigualdade. [...] a atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade [...]” (PCN, 1997, p. 63). Neste contexto, a escola/professor deve se preocupar em fazer com que os alunos desenvolvam essas capacidades, ajustando sua maneira de ensinar e selecionar conteúdos, de modo a auxiliá-los a se adequarem às várias vivências em seu universo cultural e a potencializar e/ou ajudá-los no desenvolvimento de tais capacidades.

Em conformidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) também abordam a importância do tema da equidade, ao salientar que é preciso haver uma política educativa de “combate a todas as formas de preconceito e discriminação por motivo de raça, sexo, religião, cultura, condição econômica, aparência ou condição física” (PCNEM, 2000, p.64). Essa questão de combate às formas de preconceito é mais do que urgente em tempos em que o discurso de ódio se propaga nos mais diferentes meios de comunicação, ultrapassando fronteiras espaciais e temporais, principalmente, se considerarmos o espaço virtual.

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e a do Ensino Médio, em 2018, prescrevem que a educação seja orientada por “princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...]” (BNCC, 2017, p. 7). Isto posto, é possível perceber que as competências gerais da Educação Básica se inter-relacionam em suas propostas de construção

de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, respeitando o pacto federativo pela igualdade, diversidade e equidade.

Assim, ao estabelecer “[...] respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BNCC, 2017, p. 10), propor ações educativas que revelem o olhar solidário, ético e respeitoso para com o outro é por demais necessário. Para isso, é preciso revelar como os discursos de manutenção do preconceito são construídos nas mais diferentes esferas da comunicação humana e, para além de refletir, propor ações educativas que viabilizem uma sociedade mais justa, democrática e humanista.

Ao educador, como o profissional que medeia o conhecimento, podemos considerar o postulado por Nóvoa (2009) ao salientar que é preciso considerar as dimensões pessoais e profissionais na produção identitária (do professor e do educando), pois é na prática social, nas experiências vivenciadas pelos sujeitos no ato de educar, que podemos romper com diferentes práticas segregadoras, discriminatórias que se cruzam, discursivamente, nos mais diferentes espaços comunicativos.

Ademais, segundo Celani (1998), devemos identificar, investigar e buscar por soluções para problemas com relevância social relacionados à linguagem na vida real, dentro ou fora do contexto escolar. Rojo (2006) argumenta que é preciso atuar na solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes e ligados ao uso da linguagem e/ou discurso, de forma a elaborar resultados aplicáveis. De modo semelhante, Pennycook (2006) propõe que os estudos ocorram de uma maneira “transgressiva”, questionando o próprio saber e desafiando, não somente os modos tradicionais de se pensar, como também produzindo novos modos de agir e de pensar.

Ao propor espaços de aprendizagens colaborativas, transgressivas, que reflitam sobre como se constroem discursos/textos que ainda insistem em manter a discriminação racial e a desvalorização do profissional da educação, é buscar maneiras de viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Moita Lopes (2006) acentua que é com a ajuda dos que vivenciam o sofrimento humano, com que os que vivem às margens, com as vozes que ecoam do Sul (Moita Lopes 2006) diante da discriminação racial e/ou profissional, é possível revisitar e compreender esses discursos na tentativa de desconstruí-los e ressignificá-los.

Desta forma, o trabalho do educador precisa seguir uma atitude transdisciplinar (CELANI, 1998) para enfrentar os obstáculos peculiares que envolvem a sociedade e, para que ocorra mudanças, é imprescindível “alterar quem somos e como interagimos com o meio à nossa volta” (CELANI, 1998, p. 124) e ter uma “abertura de espírito e de tolerância, [além da] disposição para conviver com a incerteza e o risco” (CELANI, 1998, p. 125), que se encontram muito presentes em uma sociedade tão multifacetada como a do Brasil.

2. SOBRE O *ETHOS* DISCURSIVO E A INTERDISCURSIVIDADE

Antes de adentrar na perspectiva atual do *ethos*, Maingueneau (2008) recorre à Grécia antiga. Aristóteles, na sua obra *Retórica*, discorre sobre a arte de convencimento e do bom uso da palavra:

[...] persuade-se pelo caráter [=ethos] quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador. (Aristóteles, 1356a: 5-6)

Em outras palavras, para convencer o auditório, o orador necessita, por meio do seu discurso, conquistar confiança. O *ethos* não se trata, portanto, dos atributos “reais” do locutor, mas sim da percepção que o público tem dele. Como precisa Barthes (1970): “São traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para dar uma boa impressão (...) o orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (BARTHES, 1970:212).

A noção de *ethos* desenvolvida na Análise do Discurso só ganhou força nos anos 1984, com Ducrot e Maingueneau. Desde então, o conceito é frequentemente revisitado e desenvolvido sob a luz das novas tecnologias e formas de expressão, pois “o foco de interesse dos analistas da comunicação se deslocou, das doutrinas e dos aparelhos aos quais relacionavam uma ‘apresentação de si’ para um ‘look’” (MAINGUENEAU, 2008, p. 11) que o enunciador expõe em primeiro plano, com suas finalidades e intencionalidades.

Todo texto é sustentado por uma voz e mesmo que não seja explícita, a “fala procede de um enunciador encarnado” (MAINGUENEAU, 2013, p. 104) que busca legitimidade. No caso das mídias audiovisuais e dos textos publicitários, o enunciador constrói sua fala de acordo com o público que quer atingir, adotando um *ethos* que, por meio de um modo de dizer, manifesta um modo de ser ou de *parecer* ser. Isso significa que a imagem do orador é dinâmica, fluida e adapta-se às várias nuances da enunciação. Desse modo, a eficácia do *ethos* se deve ao fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado, pois,

Não se trata das afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, contrariamente, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos. [...] É na qualidade de fonte da enunciação que ele se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexiva, tornam essa enunciação aceitável ou não. (DUCROT, *Le Dire et le Dit*, Éd. de Minuit, 1984, p. 201)

Esse jogo de interlocuções que se constrói o discurso entre o enunciador e o seu público não é livre de coerções, principalmente quando se trata de determinados assuntos que causam estigmas, discriminações que, pela linguagem utilizam de estratégias/argumentos convincentes que mantêm discursos de influência sobre o outro, que promovem a manutenção das desigualdades sociais, profissionais, raciais, entre outras.

Maingueneau (2013) destaca que o *ethos* é uma noção sociodiscursiva híbrida, um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio- histórica e cultural entre os participantes. Isso pode significar, no contexto da série analisada, que os *ethos* representados pelo professor Substituto Newton são híbridos, já que ora revelam comportamento preconceituoso, ora preocupado, ora autoritário.

Fato é que segundo Maingueneau (2015), nenhum discurso é isolado em si mesmo, já que dentro de um texto há (muitas vezes, de modo implícito) o discurso do “outro” que pode servir como reforço ou como objeto de refutação. Portanto, para compreender um enunciado, por menor que ele seja, é necessário relacioná-lo a outros textos, ao interdiscurso, outros discursos que se (re)constróem pela enunciação, pela interação entre os falantes. Esse discurso

proferido pelos falantes na série, tende a firmar estereótipos e verdades sobre questões como raça e profissão, que mantém o discurso de poder e a ordem.

Ademais, a interdiscursividade, ao ser atravessada pelo emaranhado de fios ideológicos que existem entre os falantes, impregnados de crenças, valores, atitudes, sentidos e significados que, pela enunciação expõe determinada formação discursiva adequada à situação de produção, ao contexto enunciado, de modo que esse *ethos* encarnado pelos atores da série, podem (ou não) negar alguns traços que constituem o discurso de outrem.

Desse modo, para compreender como o interdiscurso se apresenta, faz-se necessário estar atento para os conceitos de formação discursiva, universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Foucault (1969), ao tratar de formação discursiva (FD), apresenta que “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma formação discursiva” (FOUCAULT, 1969, p. 146). Pêcheux (1995) retoma a FD a compreendendo como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160 [grifo no original]). O ponto comum entre os dois pesquisadores é percebido por Maingueneau (2015) ao considerar que “a formação discursiva é concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 81), de modo que a FD é a materialização da formação ideológica, trata-se do modo de dizer algo, ou seja, é o posicionamento ideológico que o sujeito ocupa na enunciação.

Como o discurso é entrecruzado por diversas FD's, heterogêneas e marcadas pelas interdiscursividades que projetam formações ideológicas, as palavras e as expressões adquirem sentidos em referência às posições das que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2006, p. 17). Desse modo, as formações discursivas produzidas em dada situação comunicativa, (re)produzem sentidos existentes dentro das formações discursivas as quais pertencem e que, por sua vez, (re)produzem sentidos das formações ideológicas. Ou seja, o negro aparece na série como alguém que exerce função minoritária, como alguém que fica em segundo plano e que apenas com muito esforço pode alcançar algum status social.

O segundo conceito, universo discursivo, é um conjunto amplo. Trata-se de um grupo finito, porém, não conseguimos apreendê-lo em sua totalidade, sendo de pouca utilidade para

o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de ser estudados, os “campos discursivos” (MAINGUENEAU, 2007, p.33).

O Campo discursivo, por sua vez, é visto como um espaço em que as formações discursivas entram em concorrência. Por exemplo, quando se trata do discurso sobre raça, há um conflito entre a FD de branco e de negro. É no interior desse campo, portanto, que constitui um discurso. Para Maingueneau (2007, p. 34) o recorte em “campos” não define zonas insulares; é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas. Por fim, temos o espaço discursivo. Ele consiste em subconjuntos de formações discursivas que o analista, de acordo com seus objetivos de pesquisa, julga relevante pôr em relação.

Recorremos à proposta de Maingueneau (2007) de isolar espaços discursivos na série *Todo mundo odeia o Chris*, no tocante à questão apresentada à discriminação racial e à desvalorização profissional, para analisar como esses discursos firmam posições marginalizadas, sendo de grande valia estudá-las, de maneira transgressiva que rompa com as fronteiras do pensamento, da política tradicional (PENNYCOOK, 2006), que questiona conceitos que insistem em manter uma homogeneidade.

3. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Todo mundo odeia o Chris, é uma sitcom americana produzida entre 2005 e 2009. Os episódios giram em torno do protagonista Chris – narrador-personagem - e sua família, que passa por diversas situações cotidianas de discriminação, violência simbólica e física. As histórias apresentadas, portanto, têm como objetivo evidenciar os conflitos existentes entre os personagens não apenas no âmbito familiar, mas também fora dele.

Chris é o filho mais velho, de 13 anos. Apresenta-se como um garoto magro, fraco, que é obrigado a cuidar dos dois irmãos mais novos (Drew de 11 anos e Tonya de 9 anos) na ausência de seus pais (Rochelle e Julius), além de ter que lidar com todas as questões e frustrações em sua busca pela realização pessoal e amorosa. A série é inspirada pelas vivências e experiências do ator e comediante afro-americano Chris Rock, no bairro de Bed-Stuy, em Nova Iorque, durante a década de 1980.

Figura 1: Os personagens da série *Everybody Hates Chris* (Todo mundo odeia o Chris)



Fonte: seriemaniacos.tv/bau-das-series-everybody-hates-chris/

Apesar das dificuldades sociais e econômicas, a família de Chris é, segundo o próprio personagem (autor), uma das poucas exceções do bairro em que mora em uma boa casa, cujo pai é presente e trabalha (em dois empregos), possibilitando que sua mãe, Rochelle, possa escolher trabalhar quando quiser. Para manter tal aparência de família “perfeita e feliz” e desejando uma “melhor” educação para Chris, sua mãe o obriga a estudar em uma escola longe de seu bairro, a Escola Secundária Corleone, de tradição italiana, tornando-o o único aluno negro a frequentá-la. Corleone, entretanto, revela-se como um ambiente hostil, de intensa discriminação racial contra o protagonista, tanto por parte dos professores quanto pelos colegas.

Na escola, o seu melhor amigo é o Greg, um garoto “nerd” que também sofre *bullying*. Caruso, por sua vez, é o “valentão” que sempre persegue vários alunos, principalmente, o Chris. Dentre os professores, a professora Morello ganha destaque sendo apresentada na série de maneira que, ao tentar não parecer uma pessoa preconceituosa, suas falas sempre a contradizem.

Considerando tal cenário, Crema (2014) destaca que a série explora a relação desarmônica entre negros e brancos na sociedade americana, com base na sátira da exclusão social, problematiza o racismo nos EUA e assevera um posicionamento crítico, diferentemente de muitas outras produções seriais com elenco negro, que rompe com a visão da família branca idealizada. Para a autora, alguns elementos evidenciam essa quebra de paradigma, tais como: a mãe é responsável por administrar os gastos familiares; o filho mais velho trabalha e os demais

estudam em escola pública; o pai tem dois empregos; os pais não possuem nível escolar superior; a segregação racial é tema constante em todos os episódios, há o racismo abusivo no personagem principal e a exclusão social do negro é motivo de sátira (CREMA, 2014, p. 45).

Nosso objetivo é propor uma análise discursiva do episódio 14, da segunda temporada, *O substituto*, da série *Todo mundo odeia o Chris*, de modo a problematizar os sentidos que se constroem na tensão entre discursos racistas e na desqualificação do professor substituto, tema do episódio. Para tal, explicitamos nosso *locus* de enunciação, constitutivo do processo de produção de subjetividade que envolve a pesquisa acadêmica de modo geral, e a pesquisa orientada por uma Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), em específico.

Consideramos que a prática discursiva do professor substituto está pautada na imagem que ele faz de seus interlocutores (alunos) e os efeitos de sentido que o sujeito professor deseja produzir com a sua turma, neste caso, alunos de uma turma de 7º ano de uma escola localizada no Brooklyn, em Nova Iorque, nos anos de 1982 e 1983. Partimos do ponto de que todo discurso pressupõe uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo interativo, pois ao se projetar uma maneira de dizer não se pode ignorar as consequências desse ato, e tal atitude induz a uma construção de uma imagem que condiciona, em troca, a ação comunicativa; de modo que os participantes dessa interação exercem poder uns sobre os outros e é nesse jogo discursivo que eles mostram posições, ou melhor, papéis sociais.

A construção da imagem de si é um mostrar e tal imagem só é revelada através de processos inferenciais resgatados pela enunciação e pelo contexto. Nesta perspectiva, consideramos que a prática discursiva do *Professor Substituto* se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra através de seu discurso. Em outras palavras, o professor ao enunciar algo para os seus alunos apresenta uma certa representação de si mesmo, já que os modos de dizer produzem uma imagem que pode ou não ser verdadeira daquele que enuncia.

A partir da enunciação do professor Newton projeta-se um autorretrato, o qual imprime-se qualidades, uma possível representação da sua autoimagem. Desde os antigos gregos, esse autorretrato discursivo, conhecido como *ethos*, caracteriza-se como “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2005, p. 10).

Essas representações podem ser confirmadas ou negadas pelos interlocutores conforme a cena enunciativa permitindo ou não sucesso do projeto argumentativo do professor. Numa abordagem discursiva, em diálogo com Maingueneau (2008) e Amossy (2008), entende-se que o *ethos* compõe-se de duas partes: o *ethos pré-discursivo* e o *ethos discursivo*. Essas duas categorias relacionam-se mutuamente a partir do momento em que o *ethos pré-discursivo* pode ou não ser confirmado pelo *ethos discursivo*. O *ethos pré-discursivo* se refere à imagem que o coenunciador constrói do enunciador, antes mesmo que este pronuncie algo. Podemos exemplificar na série quando o professor entra na sala de aula: um homem negro, vestindo terno, trazendo uma maleta e se posicionando diante da turma, causando algumas impressões e comentários.

É, nesse sentido, que aqui se busca propor uma articulação entre *ethos* e posicionamentos identitários para entender que os movimentos (verbais ou não verbais), mobilizados pelo professor, concorrem para a construção de sua imagem no curso de sua enunciação, no âmbito de suas aulas para melhor apreender como esse sujeito se mostra ou se constrói para os seus interlocutores, no caso, os alunos.

Sob essa perspectiva, pode-se concluir que toda atividade discursiva está inscrita em contexto social e histórico específico, em que o enunciador, diante de seu projeto de fala, estabelece um contrato comunicativo com o seu coenunciador, num jogo de relações, capaz de garantir o sucesso do evento discursivo.

3.1.A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO PROFESSOR SUBSTITUTO

Entende-se que as constantes mudanças ocorridas na sociedade ao longo do tempo suscitaram uma reflexão a respeito de como o sujeito se constitui no processo sócio-histórico e culturalmente. Essas transformações sociais provocaram uma alteração na concepção de sujeito como ser unificado, integrado, para a ideia de descentralização, de fragmentação do sujeito. Seguindo de perto essa proposição, para pensar as questões de identidade e de *ethos* discursivo, elegemos os estudos bakhtinianos, em que a língua é considerada um fenômeno social de natureza ideológica, em diálogo com os estudos de Maingueneau (2005), Amossy (2005), Foucault (2008) e de Hall (2006).

Segundo Maingueneau, o *ethos* “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica construída pelo destinatário através dos

movimentos da própria fala do locutor” (MAINGUENEAU, 2008b, p.14). Cabe ao destinatário conferir certas características ao momento da enunciação, em relação ao discurso proferido pelo locutor, sem perder de vista que esse discurso se encontra integrado a uma determinada conjuntura sócio-histórica.

O enunciador confere ao seu dizer uma vocalidade que se apresenta como uma característica discursiva por meio da qual ele busca legitimar o que é dito, ou seja, o enunciador investe-se de credibilidade, de confiabilidade. Entretanto, a construção do *ethos* não está ligada somente à dimensão verbal do discurso, mas ao conjunto de descrições físicas e psíquicas referentes ao ‘orador’ conforme as representações coletivas estereotípicas. A estereotipagem, então, se apresenta como essencial para a construção do *ethos*.

O *ethos* é revelado no discurso através do modo de dizer do locutor; “maneira de se exprimir” (HALL, 2006, p.12) somado às representações que o coenunciador traz desse sujeito. Se, de um lado, temos o professor que se apresenta, que se posiciona na cena enunciativa como aquele que ensina, aquele que detém o saber; do outro, temos os alunos que se posicionam como aqueles que aprendem, que buscam o saber, sem perder de vista que essas imagens socialmente construídas possam estar arranhadas.

O que existe é um processo de estereotipagem, pois criamos modelos sociais que contribuem para a construção de representações partilhadas (AMOSSY, 2008), de modo que a identidade do professor é construída pelas formas como esse sujeito organiza o seu fazer, como gerencia o processo de interação e pelo aluno diante da postura do professor, que pode revelar autoridade, como também pode ser questionado e ter que validar seu discurso na interação.

Partindo dessa constatação, pode-se dizer que a identidade se revela como um processo dinâmico, dialético, plástico marcado pela relação de interface entre o social e o individual e confirma as ações em que o professor substituto aparece como alguém que detém o conhecimento, mas tem personalidade instável, fragmentada, que é reconstruída discursivamente nas relações sociais que vão sendo desenhadas no processo de interação entre ele, os alunos e, em especial com Chris, por ser o único aluno negro da escola. É diante da realidade vivenciada por esses sujeitos que, discursivamente, as identidades se tornam fragmentadas, “compostas não mais de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes

contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p.12), como na interação entre o professor e o Chris.

Recorremos aos excertos abaixo, referentes à 2ª Temporada; 14º episódio, denominado *O Substituto*, para elucidar algumas considerações apresentadas neste texto.

4. O SUBSTITUTO

No início do episódio, Chris – narrador-personagem - é informado que a Srta. Morello estará ausente nos próximos dias devido a uma viagem para a África. O pensamento de Chris é expressado por meio de uma narração em *off*: “Sem a Srta. Morello, a gente tinha todo tipo de professor substituto imaginável. Tinha atores desempregados, a gente tinha dançarinos desempregados e, às vezes, professores desempregados. Vejamos o excerto:

Figura 2: Os quatro substitutos



“Ser ou não ser? Essa é a questão.”



“Dá para alguém pegar o balde de água e jogar em mim?”



“Aproveitem enquanto podem porque, acreditem, daqui pra frente só piora.”



“A gente teve todo tipo de Substituto que se pode imaginar. Exceto um: Um substituto negro.”



“Bom-dia. Sou o Sr. Newton.”

Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

O primeiro substituto que entra em cena é “o ator desempregado”. Trata-se de um homem branco que, aparentemente, tem mais idade, de camiseta xadrez e bigode. O homem recita Hamlet, de Shakespeare: “Ser ou não ser? Essa é a questão.” A segunda pessoa encarregada do cargo de substituto é uma mulher, a “dançarina desempregada”. A moça veste camiseta cinza com leggings roxas, polainas e salto alto. Ao imitar os passos da coreografia do filme *Flashdance* (1983), a moça pergunta para os alunos “Dá para alguém pegar o balde de água e jogar em mim?”. Por fim, a série nos apresenta o terceiro substituto, o “professor desempregado”. Sentado em cima da mesa, com um cigarro na mão e uma garrafa de bebida alcóolica do lado, o homem diz para a classe “Aproveitem enquanto podem porque, acreditem, daqui pra frente só piora.”

É possível identificar, no pensamento do garoto, a problemática situação que o cargo de professor substituto encontra. Dá-se a entender que ser professor substituto é uma mera forma de ganhar renda extra, uma segunda opção quando a vida não está ocorrendo de acordo com o planejado.

É uma alternativa para um ator desempregado e com dificuldades financeiras, para a dançarina noturna, para um professor que não consegue um cargo fixo. Esses ethos construídos na cena pelo ator e pela dançarina, por exemplo, evidenciam um processo interativo de influência sobre o outro (MAINGUENEAU, 2005). Isso parece revelar, segundo o pensamento do Chris ao salientar que tiveram “todo tipo de professor” que a noção discursiva constituída gera

uma imagem do locutor de que não é necessário ter uma formação na área para atuar na profissão.

Depois que os três substitutos são apresentados, entra em cena o professor Newton, a figura de destaque desse episódio. Chris narra: “A gente teve todo tipo de substituto que se pode imaginar. Exceto um: Um substituto negro²”. Quando o novo substituto entra na sala, o entusiasmo de Chris é evidente: “Era maneiro ter outra pessoa negra no colégio que não carregasse uma vassoura. Por uma vez eu achei que teria uma vantagem sobre todo mundo”.

A observação de Chris revela um sério problema da sociedade: pessoas negras, em sua maioria, ocupam cargos desprivilegiados. Chris enxerga, finalmente, uma autoridade igual a ele: um homem negro. A expectativa do garoto é, então, que ele seja mais respeitado e, até mesmo, ganhe alguma vantagem sobre seus colegas. Por sua vez, o Sr. Newton, ao entrar na sala com roupas formais e uma maleta, revela em sua postura corporal, no tom de voz e na expressão facial a produção de um *ethos* de professor sério. O *ethos* visado, portanto, é de um profissional capacitado.

Nem todos os alunos, porém, aderiram a esta imagem. Joey Caruso, aluno valentão da escola Corleone e que faz vários comentários racistas, relaciona o sr. Newton com o personagem fictício *Mr. Tibbs*. O aluno, portanto, formou um *ethos* pré-discursivo do professor de acordo com sua mentalidade preconceituosa. Para melhor desenvolvimento, vejamos o excerto: [

Figura 3: Apresentação do professor Substituto



² Todas as imagens e transcrições analisadas se encontram no Episódio 14, temporada 2, disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=k1KwbT9iD3Q&app=desktop>



Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

Professor Newton: Bom dia, sou o senhor Newton. Joey Caruso: Está mais pra senhor Tibbs.

Professor Newton: Qual é seu nome? Joey Caruso: Joey Caruso.

Professor Newton: Está me zoando porque eu sou negro? Joey Caruso: Não senhor.

Professor Newton: Não foi o que pareceu. Joey Caruso: Foi mal...

Professor Newton: Se quiser zombar de mim, tudo bem, mas que seja pelo que sou e não por minha aparência.

Tibbs (interpretado por Sidney Poitier) é um personagem presente nos filmes *In the Heat of the Night* (No Calor da Noite), de 1967 e *Call Me Mr. Tibbs!* (Noite sem Fim), dos anos 1970. Em *In the Heat of the Night*, Tibbs é preso injustamente pelo policial Sam Wood (Warren Oates). Mais tarde, no filme, é descoberto que Mr. Tibbs, na verdade, é um detetive da polícia de Filadélfia e expert em solucionar homicídios (crime pelo qual estava sendo acusado).

Após a descoberta da real identidade do detetive, Bill Gillespie (Rod Steiger), constrangido, libera o acusado. Tibbs, então, com muita dificuldade, ajuda a equipe (em sua maioria, racista) a solucionar crime. A sociedade daquela região não estava acostumada a ver um detetive negro comandar uma investigação. Em determinado momento, Tibbs profere a frase “They call me Mr. Tibbs!”, a fala ganhou notoriedade e, mais tarde, a sequência *Call Me Mr. Tibbs!* foi lançada. Dessa vez, Tibbs vai para São Francisco encarregado de investigar o assassinato de Joy Sturges (interpretada por Linda Towne).

O professor, compreendendo estar sendo alvo de uma piada preconceituosa, diz “Se quiser zombar de mim, tudo bem, mas que seja pelo que sou e não por minha aparência.” Podemos identificar, então, que o Ethos visado pelo professor não coincidiu com o Ethos produzido pelo aluno Joey Caruso. Para Maingueneau, o *ethos* é o resultado da interrelação do *ethos* pré-discursivo, imagem produzida conforme os modelos/estereótipos de determinadas

práticas sociais e do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado/ *ethos* dito) que se refere ao uso de elementos linguísticos pelo enunciador para a construção da imagem de si mesmo no ato enunciativo.

Em se tratando do *ethos* pré-discursivo, mesmo que o coenunciador não tenha, no primeiro momento, uma representação prévia do enunciador, a pertença de um texto a um determinado gênero de discurso, a uma determinada formação discursiva e o posicionamento ideológico manifestado no texto geram pistas que permitem inferir características do *ethos* do enunciador.

Ao colocar Joey Caruso relacionar o professor Newton com o Sr. Tibbs, a série nos mostra um ponto importante: homens negros em cargos majoritariamente brancos, muitas vezes causam estranheza e são alvos de preconceito. O professor, reconhecendo a referência feita por Caruso, diz “Se quiser zombar de mim, tudo bem, mas que seja pelo que sou e não pela minha aparência.”

Figura 4: Conversa sobre a nota de Chris



Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

No minuto 2:44 do episódio, no momento em que o professor entrega as provas corrigidas a seus alunos, há uma conversa entre o Sr. Newton e Chris.

Professor Newton: Espere um pouco, o que é isso? Chris: B-! Beleza!!!
Professor Newton: Você está feliz com essa nota?
Chris: Sim, geralmente eu não me dou bem em matemática. Professor
Newton: Você sabe quem é San Graddy San Graddy? Chris: Não

Professor Newton: Sam Graddy terminou atrás de Carl Lewis nos 100 metros em barreiras na Olimpíada de Verão.

Chris: E daí?

Professor Newton: Sam Graddy é o segundo homem mais rápido do mundo. E isso não quer dizer nada? Sam Graddy não aparece na caixa de cereal, não tem um tênis com seu nome, não tem um shorts Sam Graddy, nem mesmo um par de meias Sam Graddy. O Sam Graddy nem mesmo conseguiu uma habilitação com o nome dele; deram a ele uma com o nome de Carl Lewis. B- [...]

O professor compara a nota B- com a classificação de Sam Graddy na prova de 100 metros das olimpíadas de 1984. Esse é um exemplo de heterogeneidade do discurso. O professor, inscrito numa FD acadêmica (ou FD pedagógica) recorre a discursos de outras áreas para, de alguma maneira, validar sua fala. Maingueneau (1989) destaca que ao tratar da heterogeneidade do discurso, deve-se tomar conhecimento de um funcionamento que representa uma relação indissolúvel entre o objeto interior com seu exterior, de modo que produzam significados e que validem a formação discursiva apresentada pelo sujeito, no caso, pelo professor Newton.

O atleta Sam Graddy e seu companheiro de pista Carl Lewis ganharam medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1984. No evento de 100 metros, porém, Lewis se destacou com a medalha de ouro e Graddy ficou em segundo lugar. De acordo com o professor, a medalha de prata não garantiu prestígio do público a Graddy: “O Sam Graddy nem mesmo conseguiu uma habilitação com o nome dele; deram a ele uma com o nome de Carl Lewis.” Sr. Newton chama atenção para o fato de confundirem Sam Graddy com Carl Lewis, dois indivíduos negros.

Ao falar “Sam Graddy não aparece na caixa de cereal, não tem um tênis com seu nome, não tem um shorts Sam Graddy, nem mesmo um par de meias Sam Graddy. [...]”, o professor mobiliza enunciados provenientes de uma formação discursiva esportiva. Quando os atletas se destacam em campo, é muito comum que eles apareçam em diversos produtos comerciais, desde uma caixa de alimento até vestuários. O caso não aconteceu, porém, com Sam Graddy, sua imagem foi ofuscada por Carl Lewis. A fala nos leva a refletir que os indivíduos negros, muitas vezes, por mais que provem ser capazes em suas atividades, perdem sua individualidade. Por isso, devem se esforçar em dobro para conquistar prestígio social.

Hall (2006) argumenta que a categoria raça é uma construção política e social, que ocorre discursivamente em torno de um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão,

que limita e que segrega as pessoas pela cor, ocasionando o racismo. O autor salienta que o racismo possui lógica própria para legitimar a exclusão dos negros de diversos ambientes socioculturais que ocorre em termos de distinções genéticas e biológicas, o que pode supor que, ao utilizar como exemplo o fato do corredor negro Sam Graddy ter ficado em segundo lugar, o esforço do negro deve ser maior, já que a própria genética pode não ser suficiente. Continuemos com o próximo excerto:

Figura 5: Redução da nota e Currículo do Professor



Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

Chris: Peraí, o que você está fazendo? – o garoto pergunta ao professor que altera sua nota para F.

Professor Newton: É tudo igual!

Chris: Não, não... Não é não! Uma eu passo e com a outra eu repito!

Professor Newton: Não para você! Acha que estou aqui sentado por ganhar B-? Chris: Não. Acho que você está aqui porque a minha professora foi embora.

Professor Newton: Este é o meu currículo. Leia!

Chris: Harvard, Stanford, Oxford... Se é tão esperto por que ainda é professor substituto? Professor Newton: Porque de vez em quando conheço alguém que precisa de mim e esse alguém, Chris, é você! Começamos amanhã mesmo, eu vou meter um cérebro nessa sua cabeça. Guarde o currículo como lembrete.

O professor Newton contém um currículo cheio de universidades renomadas. Mais tarde, como é mostrado no episódio, parece dominar diversas áreas do conhecimento ao explicar as matérias para Chris, como matemática, biologia, história (inclusive, é capaz de desenhar perfeitamente na lousa o homem vitruviano, de Da Vinci). Mesmo assim, atua como professor substituto, cargo tão desvalorizado segundo a série.

O que faz um professor tão qualificado quanto o Sr. Newton atuar em uma escola secundária no Brooklyn? A resposta não fica explícita no episódio, mas é possível fazer algumas

hipóteses. “Acho que você está aqui porque a minha professora foi embora [...] Se é tão esperto por que ainda é professor substituto?” questiona Chris. Segundo o garoto, o sr. Newton está ali não porque ele é altruísta e deseja que Chris tenha uma vida melhor, mas porque ele está desempregado.

O *ethos* de professor culto e bem-sucedido, visado pelo Sr. Newton por meio de seu discurso, não parece conquistar adesão do aluno. O efeito em Chris é o contrário, ele o enxerga como um sargento, como uma figura autoritária e que pode prejudicá-lo. Essa diferença entre *ethos visado* e *ethos produzido* é amplamente discutida pela Análise do Discurso:

O *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queria suscitar uma imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo. (MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. 2008, p. 16)

Uma possível interpretação é que o Sr. Newton esteja ocupando o mesmo lugar que Sam Graddy, personalidade mencionada anteriormente. Ambos são excelentes profissionais, mas como são indivíduos negros, não excelentes o suficiente (aos olhos da sociedade racista) para ocupar um cargo de liderança, por isso, assumem o segundo lugar e o de professor substituto.

Seguindo o excerto:

Figura 6: Conversa do professor com Joey Caruso





Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

Chris ao sair da sala encontra Caruso, que esqueceu de pegar sua nota com o professor: Joey Caruso: Ah, esqueci minha prova!

Professor Newton: Nota C, muito bem!

Chris pensa: “acho que esse é o jeito dele de oprimir o homem branco”.

No diálogo, fica evidente que o professor trata Chris de uma forma diferente dos outros alunos. Joey Caruso, um garoto branco, tira C na prova (nota inferior ao B- de Chris) e é congratulado. Provavelmente, o professor supôs que Joey Caruso possui privilégios sociais e, por isso, não faz diferença se ele tirar A, ou C.

Como vimos, os discursos dos personagens são atravessados por práticas racistas revelando assim o preconceito embora que estabelecido, mas silenciado que se reverbera aqui na voz de estudantes Joey Caruso e Chris, levando a crer que a escola ainda que portadora do papel inclusivo na sociedade é atravessada por práticas excludentes que se proliferam sem que haja uma constante política de combate ao preconceito.

O fato de o professor pedir ao aluno que zoasse dele pelo que ele é, e não por sua aparência, esclarece sobre a temática da negritude e fortifica cada vez mais o pensamento preconceituoso gerador de conflitos e compreensão de fenômenos naturais como o caso da “Identidade” pautado na “Diferença” não só física mas também de caráter social.

A superposição de vozes sociais na prática discursiva do sujeito regula a manifestação da construção identitária numa relação entre o social e o individual. O que se percebe é que o ser professor, lugar social, é representado (dramatizado) conforme as injunções da cena, a interação face a face, a organização da aula; a imbricação desses aspectos regula a posição identitária do professor. Em suma, no curso dessa interação, em que se apreende o processo de construção, de

negociação de imagens de sujeito, flagram-se os movimentos do posicionamento identitário, que se revela no trecho em que o professor se refere a San Graddy e Carl Lewis.

A construção do eu e do outro na linguagem pode ser estudada no contexto da enunciação. De acordo com Maingueneau (1997, 2013), por sua própria enunciação, todo texto encarna as propriedades comumente associadas ao caráter e à corporalidade de um sujeito produzido discursivamente a partir de representações coletivas, isto é, de um estereótipo que circula no imaginário social, sendo a categoria que dá visibilidade a esse sujeito o *ethos* discursivo, noção oriunda da retórica filosófica.

Em outras palavras, há uma intencionalidade discursiva construída sobre a imagem do atleta negro, Sam Graddy, o segundo mais rápido do mundo, que caiu no esquecimento e anonimato e o mediano esforço de Chris na escola. Segundo o professor, Chris deve superar suas dificuldades e querer algo a mais, jamais se contentar com pouco, deve lutar e valorizar seu lugar na sociedade, ser alguém de valor, principalmente por ser negro e inserido numa sociedade racista e segregadora.

Sobre isso, pode-se dizer que, apesar do interesse do professor em passar boa imagem ao aluno, no sentido de haver uma correlação entre a imagem pretendida e a alcançada, no momento de interação, não há garantia do sucesso desse empreendimento, pois a representação é socializada, moldada, modificada e, conseqüentemente, existe uma regulamentação de imagens construídas que interferem na prática discursiva. Nesse sentido, a emergência de novos *ethos* acontece sempre num processo de tensão, numa relação de alteridade.

Portanto, estudar a construção da identidade do professor a partir dessa perspectiva é investigar o discurso desse sujeito considerando a situação real de manifestação do seu discurso, com intuito de apreender as representações, a dramatização, o jogo de imagens revelado no fio do discurso, os modos de organização do discurso e as circunstâncias discursivas que se deixam emergir na prática discursiva e contribuem para a construção da identidade desse sujeito.

O professor Newton está inserido dentro do campo discursivo educacional. Existe, portanto uma Formação Discursiva pedagógica. “A formação Discursiva é concebida como um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas.”(MAINGUENEAU, 2015, p. 81). Isso significa que, sendo um professor, espera-se que Sr. Newton tenha algumas falas e atitudes

condizentes com o contexto educacional. Sr. Newton evoca uma FD pedagógica quando explica diversas matérias para Chris (como biologia, matemática e história), quando distribui as notas para os alunos, quando aplica o teste final, por exemplo.

Figura 7: Professor ensinando “Veni, Vidi, Vici”



Fonte: *Todo mundo odeia o Chris* (Episódio 14, temporada 2)

Além da FD pedagógica, podemos observar outra FD em seu discurso, como, por exemplo, o militarismo. Este, por sua vez, se manifesta pela heterogeneidade mostrada. Um exemplo de heterogeneidade mostrada no discurso do professor é quando ele ensina os dizeres “Veni, Vidi, Vici” (Vim, Vi, Venci) para o Chris.

Segundo Charaudeau (2010), a atividade de argumentação “passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que [o sujeito que argumenta] tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento” e seus objetivos incidem sobre a busca de uma racionalidade, de modo que se construa um ideal de verdade para a explicação dos fenômenos, e sobre a busca de influência, de modo que haja um compartilhamento com o outro de um determinado universo discursivo, de crenças e de convicções.

A frase é normalmente utilizada quando a situação está favorável para a vitória. A expressão ficou muito comum em ambientes em que a competitividade é estimulada, como no discurso empresarial e jurídico. Sua origem é de 47 a.C, quando Julius Caesar saiu vitorioso após dura batalha contra Fárnaces II, rei do Ponto. A expressão pode ser interpretada de um modo positivo ou negativo. Por um lado, pode ser compreendida como uma celebração do militar romano. Por outro, pode ser vista como uma ameaça, um modo que Julius Caesar encontrou para proclamar a potência do seu exército. O curioso é que o pai de Chris se chama Julius. Seria essa,

então, uma maneira de dizer que o professor Newton é uma segunda figura autoritária na vida do rapaz?

O professor, apesar dos esforços para produzir um Ethos de “profissional preocupado com a formação de Chris”, é visto como uma figura autoritária e rigorosa pelo garoto. Esse Ethos Produzido é ainda mais evidente no minuto 07:35, quando a série mostra, explicitamente, a imaginação fértil do protagonista. O professor faz uma série de questionamentos (em tom de desafio) enquanto mira uma mangueira para Chris. “Um B- é aceitável?”, “Você quer aprender?”, “Você quer desistir?”, “Quer ir para outro colégio?”. Fica claro pela farda, postura, entonação da voz que o professor se apresenta como militar.

A dinâmica entre o professor Newton com o Chris é muito semelhante à de um sargento com seu soldado, tanto pela oposição entre a postura autoritária/submissa quanto pelas perguntas retóricas em tom de desafio. Além disso, o professor veste o uniforme de militar. A diferença é que o professor quer criar uma “máquina de conhecimento”, um indivíduo perfeito, capaz de combater o inimigo (a sociedade discriminante) de frente.

O professor evoca uma FD militar, na qual o “soldado” (nesse caso, Chris), não deve jamais dar sinais de fraqueza, de conformidade com a derrota (uma nota B-, por exemplo); Sr. Newton exige que seu aluno tenha disposição para “combate”, ou seja disposição para concorrer com “o exército inimigo”, com as pessoas brancas.

5. PRÉ-CONCLUSÕES

Considerando todo o disposto acima, podemos sugerir que a série apresenta uma realidade que ultrapassa fronteiras geográficas no tocante à discriminação racial e profissional, aqui destacados. Ensinar que vivemos em um mundo de embates e contradições torna-se por demais relevantes se considerarmos a sociedade superdiversa (VERTOVEC, 2007) em que estamos inseridos, sendo necessário o olhar transgressivo, o atravessar fronteiras e considerar a educação como lugar de ação e de mudança (PENNYCOOK, 2006) necessárias para uma reforma do pensamento, ou seja, trazer o desafio para os modos tradicionais de se pensar.

É por tal motivo que, por meio da “desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006) de qualquer tipo de proposição considerada inquestionável no processo dos estudos e do conhecimento,

buscamos aplicar em nosso artigo metodologias de análise do discurso que possibilitem a reflexão sobre as intersecções entre linguagem, cultura, sociedade e subjetividade, focando em análises das formas do ser do sujeito, de construção de sentido e de produção de conhecimento.

De tal forma, percebemos que, apesar da intenção de satirizar as situações vividas pelo personagem Chris durante a sua juventude, a série de TV *Todo mundo odeia o Chris* realça, e muito, os dados que foram aqui apresentados, e que são corriqueiramente vivenciados nas mais variadas escolas (também brasileiras), – que o próprio Nóvoa (2009) critica em seu texto – de a escola ser um local de poucas boas práticas efetivas e da necessidade da valorização e da formação de professores construída dentro da própria profissão.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2008.

ARISTOTELES. **Retórica**. Branca Vilallonga. 2 ed. ISBN: 972-271377-9. Disponível em <http://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf>.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Vol.1. Brasília : MEC/SEF, 1997. 79p.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília : MEC/SEF, 2000. 109p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília : MEC/CONSED/UNDIME, 2017. 600p.

CELANI, M. A. A. **Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil**. In: Inês Signorini e Marilda C. Cavalcanti. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 115-127.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, P. **Modo de organização argumentativo**. In: *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 201-249.

CREMA, Daniele. **Por que Todo mundo odeia o Chris? Uma análise discursiva sobre o imaginário de afro-americanidade na série *Everybody hates Chris***. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:



https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-05082015-143333/publico/2015_DanieleCrema_VOrig.pdf. Acesso em: 04.11.2019

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FABRÍCIO, B. F. **Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescritões em curso**. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006. Introdução.

MOITA LOPES, L. P. da. **Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa**. In: MOITA LOPES,

L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. *Revista de Educación*, v. 350, 2009, p. 203-218. Encontrado em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf (acessado em outubro de 2019).

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

PENNYCOOK, A. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

ROJO, R. H. R. **Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento**. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006a. pp. 253-276.

VERTOVEC, S. **Superdiversity and its implications**. *Ethnic and Racial Studies*, v. 29, n. 6, p. 1-42, 2007.

Grassinete Carioca de ALBUQUERQUE

Possui graduação em Letras- Português-Espanhol, pela Universidade Federal do Acre, UFAC (1999); especialização em Psicopedagogia, pela Faculdades Integradas de Várzea Grande - FIAVEC (2002) e mestrado em Letras - Linguagens e Identidades, pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2009). Atualmente é professora da Universidade Federal do Acre (UFAC).

Angela Brambilla Cavenaghi Themudo LESSA

Possui graduação em Língua e Literaturas Inglesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975), Mestrado (1979) e Doutorado (1996) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela mesma universidade (com estágio sanduiche na Universidade de Liverpool) e pós-doutorado em Estudos Linguísticos no IEL, UNICAMP. É Professora Titular da PUC-SP, foi Chefe do Departamento de Inglês, Vice-Diretora do Centro de Ciências Humanas, Coordenadora do Programa de Estudos Pós Graduados em LAEL da PUC-SP e atualmente é Diretora Adjunta da FAFLICA.

Elaine Cristina de OLIVEIRA

Bacharel em Letras (Português e Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Licenciada pela Faculdade de Educação da USP (Inglês) - (2007). Tem experiência na área de Letras e Tradução, com especialização em Tradução do Inglês pela Estácio de Sá (2018). Atualmente é aluna de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP / com bolsa CAPES) e leciona (Inglês e Leitura e Produção de Textos) nas Fatecs Ipiranga e Itaquera

Maria Helena Mitson CRUCCIANI

Possui graduação em Língua Portuguesa pela Universidade do Grande ABC (2009) e graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Pires (1993). Fez especialização na PUC em Gramática da Língua Portuguesa, Cursos de extensão em Análise do Discurso, Cogeae e Atualização Gramatical com interface em análise discursiva, Cogeae. Ingressou em 2019, no segundo semestre, no Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Atualmente é professora do Ensino Fundamental e Médio, no Colégio Renovação.

Laís Queiroz do VAL

É graduada em Publicidade e Propaganda (PUC-MG). Atualmente é mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP), orientada pela profa. Dra. Maria Cecília Perez Souza-e-Silva. É bolsista pela CAPES e faz parte do grupo de pesquisa Atelier – Linguagem e Trabalho, cadastrado no CNPq.

Recebido em 09/março/2020 - Aceito em 10/maio/2020